A Rejeição do Racionalismo por Gordon H. Clark

digg

Racionalismo é a tentativa de encontrar a verdade por meio da razão somente. Embora tenha admitido que Agostinho não era um racionalista puro, Clark discutiu as visões dele sobre a razão.[1] Naquele tempo, quando a filosofia grega era dominada por ceticismo, que argumentava contra a possibilidade de adquirir conhecimento, Agostinho tentava encontrar uma base para o conhecimento que não pudesse ser negada.[2] Agostinho declarou que "o cético deve existir para duvidar de sua própria existência".[3] Portanto, Agostinho argumentou que até mesmo o cético deveria ter certeza de sua existência. Agostinho também mostrou que os céticos não poderiam viver como se o conhecimento fosse impossível.

Agostinho também mantinha que as leis da lógica eram verdades universais, eternas e imutáveis. Visto que a mente humana é limitada e mutável, ela não poderia ser a fonte primária dessas verdades eternas.

Assim, deveria haver uma Mente eterna e imutável como fonte dessas verdades. Obviamente, essa Mente eterna seria Deus.[4]

Clark criticou as visões de Anselmo. Ele, Anselmo, era ainda mais racionalista em seu pensamento que Agostinho. Acreditava que a existência de Deus poderia ser provada por meio da razão unicamente. Anselmo refere-se a Deus como o maior Ser concebível. Portanto, se Deus não existisse, ninguém poderia conceber um ser maior do que ele, um ser que tivesse os mesmos atributos, mas não existisse. Mas então esse seria o maior Ser concebível. Portanto, Deus (o maior Ser concebível) deve existir necessariamente.[5] Isto é chamado argumento ontológico para a existência de Deus.

Clark escreveu que René Descartes, também um racionalista, via a sensação e a experiência como muito enganosa. Descartes tentava encontrar um único ponto de certeza duvidando de tudo, até que encontrasse algo de que não pudesse duvidar. Por meio desse processo ele percebeu que, quanto mais duvidava, mais certo ficava da existência de si mesmo, do cético.[6]

Descartes tomou emprestado o argumento ontológico de Anselmo para a existência de Deus. Clark declarou a versão cartesiana desse argumento da seguinte forma: “Deus, por definição, é o ser que possui todas as perfeições; a existência é uma perfeição; portanto, Deus existe”.[7]

Clark relatou que Espinosa também usava o argumento ontológico para a existência de Deus. Mas na versão de Espinosa o argumento não concluía com o Deus da Bíblia. Em vez disso, “provava” a existência de um deus que é o próprio universo (o deus do panteísmo).[8] Contudo, isso levantou questões sobre a alegação do racionalismo de conseguir provar a existência de Deus com certeza. Pois o deus de Espinosa e o Deus de Descartes não poderiam existir ao mesmo tempo. Espinosa também era mais consistente em seu racionalismo que Descartes. Espinosa percebeu que se todo o conhecimento pudesse ser obtido por meio da razão unicamente, a revelação sobrenatural não teria qualquer valor.[9]

Gordon Clark listou diversos problemas com o racionalismo em seus escritos. Declarou que, historicamente, o racionalismo tem levado a várias conclusões contraditórias entre si (teísmo, panteísmo e ateísmo).[10] Além disso, declarou que “o racionalismo não produz princípios primeiros a partir de algo mais: os princípios primeiros são inatos… Toda filosofia deve ter seus princípios primeiros… Dessa forma, uma descrição sem pressuposições é impossível”.[11] Embora, em sua defesa da fé, Clark tenha feito muito uso da razão, ele pressupôs seus princípios primeiros. Argumentou que, se não fizesse isso, a razão jamais poderia sair do chão.[12]

NOTAS:

[1] Clark, *Three Types of Religious Philosophy*, 27.

[2] Ibid., 28-29.

[3] Ibid., 31.

[4] Ibid., 32.

[5] Ibid., 33-35.

[6] Clark, *Religion, Reason and Revelation*, 50-51.

[7] Clark, *Three Types of Religious Philosophy*, 35.

[8] Clark, *Thales to Dewey*, 332.

[9] Clark, *Religion, Reason and Revelation*, 53.

[10] Clark, *Three Types of Religious Philosophy*, 56.

[11] Ibid., 117-118.

[12] Ibid., 120.